

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

CRÍTICA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO: ALTERAÇÕES NO TEXTO DO NOVO TESTAMENTO NOS ESCRITOS DE BART EHRMAN: CORRUPÇÃO NOS DADOS OU NA LEITURA DOS MESMOS?

Textual Critic of the New Testament: changes in the text of the New Testament in the Bart Ehrman writings: data corruption or reading of them?

Carlos Alberto Prazeres¹

RESUMO

Bart D. Ehrman é um renomado estudioso do Novo Testamento na atualidade. Nos últimos anos, ele tem escrito livros para o público leigo em geral. Nesses ele discorre sobre as alterações ocorridas no texto do Novo Testamento ao longo dos séculos. Ele o faz, contudo, a partir de uma das escolhas de leituras possíveis dos dados à disposição. Por meio do presente artigo, o autor objetiva identificar duas colocações frequentes acerca do número de variantes textuais, presentes nos manuscritos disponíveis, e da natureza destas variantes; analisá-las sob a ótica de quatro autores expoentes no campo da crítica textual, sendo eles: Wallace, Metzger, Paroschi e os Aland; e demonstrar que o referido estudioso faz uma leitura parcial e tendenciosa, dos dados disponíveis acerca das alterações textuais do Novo Testamento, em seus livros destinados ao público geral.

Palavras-Chave: Interpretação. Manuscritos. Escritas.

ABSTRACT

Bart D. Ehrman is a renowned scholar of the New Testament. In the recent years he has written books to the general public. In these books he talks about the modifications of the text of the New Testament along the centuries. However, he does it from one of the several possible options for the reading of the available data. In this present article, the

¹ Graduado em Letras pela Faculdade Santa Cruz. Membro da Igreja de Cristo em Curitiba – Igrejas oriundas do Movimento de Restauração conhecidos como Stone-Campbell Restoration Movement. E-mail: ca.prazeres@icloud.com

objective of this author is to identify two frequent propositions about the number of the textual variants in the manuscripts and the nature of those variants; analyze these two propositions from the point of view of four other famous scholars, which are Wallace, Metzger, Paroschi and the Aland's; demonstrate that Ehrman does a partial reading of the available data on the modifications of the text of the New Testament in his books which are target to the general public.

Keywords: Interpretation. Manuscripts. Scribes.

INTRODUÇÃO

Bart D. Ehrman é um respeitado estudioso do Novo Testamento na atualidade. Palestrante convidado para falar em diversas universidades, presença constante em diversos programas de televisão em seu país, chefia o Departamento de Estudos Religiosos da University of North Carolina, em Chapel Hill, nos Estados Unidos. É também autor de inúmeros livros destinados aos pesquisadores e estudiosos do Novo Testamento. É coautor da quarta edição de um dos manuais mais importantes sobre o texto do Novo Testamento², juntamente com o renomado pesquisador e especialista em crítica textual Bruce M. Metzger.³

Nos últimos anos, tem publicado livros destinados ao público leigo em geral.⁴ São livros que, basicamente, discorrem acerca das alterações no texto do Novo Testamento e seus desdobramentos e implicações para a fé cristã. Contudo, tendo em vista que seu público principal nessas obras não são os especialistas e estudiosos da área, deixa o leitor desavisado com uma impressão parcial dos fatos, além de um pessimismo generalizado quanto ao texto fundamental do Cristianismo, o Novo Testamento.

O presente artigo fará a identificação de duas colocações de Ehrman, acerca do número de variantes textuais presentes nos manuscritos disponíveis, e da natureza dessas variantes textuais; analisará essas ideias sob a ótica de quatro autores: Wallace⁵, Metzger, Paroschi⁶ e os Aland⁷; e demonstrará que o referido estudioso apresenta uma leitura parcial e tendenciosa dos dados disponibilizados pela ciência da crítica textual.

A seguir, uma introdução sobre a disciplina Crítica Textual.

² METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: its transmission, corruption and restoration.** 4.ed. New York: Oxford, 2005.

³ Bruce M. Metzger foi professor emérito no Princeton Theological Seminary e respeitado estudioso, internacionalmente reconhecido, quanto ao texto grego do Novo Testamento, sendo um dos consultores e editores da famosa edição Nestle-Aland do texto do Novo Testamento.

⁴ ERHMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?** São Paulo: Prestígio, 2006. ERHMAN, Bart D. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi? Mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

⁵ WALLACE, Daniel B. **Revisiting the corruption of the New Testament: manuscript, patristic, and apocryphal evidence.** Grand Rapids: Kregel Publications, 2011.

⁶ PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

⁷ ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual.** Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

1. INTRODUÇÃO À CRÍTICA TEXTUAL

A história das origens da Crítica Textual remonta aos interesses dos antigos gregos em fazer uma comparação entre os manuscritos disponíveis da *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, de forma que pudessem recuperar o texto original dessas obras.⁸

A definição clássica de crítica textual sempre foi buscar determinar o texto original de qualquer obra cujos originais já não mais existam. Quanto ao Novo Testamento, não foi diferente, tanto que Wilson Paroschi⁹ cita que Westcott e Hort¹⁰, dois pesquisadores aos quais devemos muito pelos avanços que proporcionaram ao campo de pesquisa dessa ciência, “já pensavam tê-lo conseguido”.¹¹ Os dois pesquisadores publicaram, em 1891, a obra com o ousado título *The New Testament in the Original Greek*, e estavam certos de que as dificuldades restantes quanto ao texto original eram mínimas. Paroschi também menciona que o texto grego da edição crítica NA26 (Nestle-Aland, na sua vigésima sexta edição), lançado em 1979, alegava que “o texto original havia sido alcançado”.¹²

No entanto, atualmente, muito do que foi desenvolvido ao longo do tempo, tem sido questionado.¹³ Conceitos que já se encontravam estáveis por um bom tempo começaram a ser revistos. O conceito de texto original, por exemplo, passou a ser entendido por alguns estudiosos como inalcançável, porque vários livros do Novo Testamento podem ter tido inicialmente várias formas, assim existiriam múltiplos originais. Para outros, como David Parker¹⁴, o conceito de texto original é inexistente porque um tal texto fixo e rígido, em apenas uma forma final, não pode ser mais mantido por conta das várias edições do mesmo texto. Ainda para outros, tais como Parker e também Gerd Mink¹⁵, não há mais o conceito de texto original, agora fala-se em texto inicial.¹⁶ Uma hipótese de texto do qual todas as outras formas disponíveis se originaram.

Embora essas discussões sejam temas atuais de pesquisa entre os especialistas, nada se pode afirmar conclusivamente. Não há evidência sólida que comprove a existência de

⁸ METZGER; EHRMAN, 2005, p. 198.

⁹ Wilson Paroschi é doutor em Teologia pela Andrews University (EUA), com especialização em Novo Testamento. Professor de Grego, Hermenêutica e Interpretação do Novo Testamento no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

¹⁰ Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort, pesquisadores da Universidade de Cambridge, são dois importantes nomes da Crítica Textual responsáveis pela publicação de uma edição crítica do Novo Testamento Grego, obra que se tornaria referência no campo. Além disso propuseram avanços metodológicos como agrupamento de famílias textuais. Para mais informações, ver METZGER; EHRMAN, 2005, p. 174-181

¹¹ PAROSCHI, 2012, p. 239.

¹² PAROSCHI, 2012, p. 239

¹³ Muito do que segue na discussão, foi baseado em Paroschi (2012, p. 239-266).

¹⁴ David Parker é pesquisador e professor de Teologia na Universidade de Birmingham. Para mais informações, ver a sua obra: PARKER, David. **The living text of the Gospels**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

¹⁵ Gerd Mink é pesquisador e trabalha no INTF, um instituto responsável pela pesquisa da história textual do Novo Testamento. Ele idealizou um recente método de avaliação de variantes, conhecido como Método Genealógico Baseado na Coerência.

¹⁶ Para mais informações, ver PARKER, David. **An introduction to the New Testament manuscripts and their texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

múltiplos originais.¹⁷ Nem tampouco se pode afirmar categoricamente que o texto inicial não é o texto original, o autógrafo. Como menciona Paroschi, embora o conceito de texto inicial seja mais científico, as evidências disponíveis não autorizam uma ruptura definitiva entre o autógrafo e o texto inicial.¹⁸

Por essas e por outras razões, as quais não são objeto do presente trabalho, a definição clássica de crítica textual pode continuar sendo mantida. É interessante, portanto, observar como Paroschi propõe, na introdução de sua obra, *Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento*, concluída durante licença pós-doutoral na Universidade de Heidelberg, Alemanha, uma definição que contempla o sentido clássico e, ao mesmo tempo, está ciente dos limites alcançados até hoje:

É o estudo do texto neotestamentário com o propósito de assegurar que as palavras que lemos hoje correspondam da forma mais plena possível àquelas que os apóstolos e evangelistas escreveram séculos atrás.¹⁹

Além dos questionamentos levantados acerca do conceito de texto original, outro tópico da discussão atual é a alegação de que os manuscritos disponíveis são muito tardios e estão corrompidos, inclusive do ponto de vista doutrinário. Assim, algumas doutrinas fundamentais da fé cristã teriam sua origem nas corrupções feitas no texto ao longo do processo de cópias, e não em Jesus e seus apóstolos e evangelistas. Não é mera coincidência que Bart D. Ehrman, o estudioso em foco neste artigo, é o nome mais famoso na defesa dessas afirmações.

Bart D. Ehrman escreveu uma obra especializada²⁰ e técnica a respeito do assunto, em 1993. Basicamente, a tese de Ehrman é de que as alterações efetuadas nos manuscritos são propositais para defender posições cristológicas vigentes nos segundo e terceiro séculos.²¹ Essas posições, segundo Ehrman, tornaram-se dominantes e venceram.²² Ele chama os vencedores de “ortodoxos”, no entanto, esses, que deveriam guardar a tradição, modificaram-na para defender suas compreensões da fé cristã.²³ Paroschi menciona que tal argumentação produz um resultado devastador²⁴, pois ameaça a “credibilidade do texto” do Novo Testamento, a “validade da fé cristã”, já que os textos representam a posição de um grupo dominante.

É com essa visão da transmissão do texto do Novo Testamento que Ehrman se apresenta mais tarde para discutir abertamente com o público leigo as questões relacionadas ao texto do Novo Testamento. Como avalia Paroschi, “em geral, fomentando dúvidas e criando um estado desnecessário de ansiedade entre leitores com pouco ou nenhum preparo para avaliar questões dessa natureza”.²⁵

¹⁷ PAROSCHI, 2012, p. 246.

¹⁸ PAROSCHI, 2012, p. 265.

¹⁹ PAROSCHI, 2012, p. XIII.

²⁰ ERHMAN, Bart D. **The orthodox corruption of Scripture: the effect of early christological controversies on the text of the New Testament.** Oxford: Oxford University Press, 1993.

²¹ PAROSCHI, 2012, p. 266.

²² PAROSCHI, 2012, p. 266.

²³ PAROSCHI, 2012, p. 268.

²⁴ PAROSCHI, 2012, p. 268.

²⁵ PAROSCHI, 2012, p. 268.

São nessas obras, destinadas ao público leigo, em especial em “O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?”²⁶, que serão analisadas duas colocações fundamentais que Ehrman faz repetidamente acerca do número de variantes textuais presentes nos manuscritos disponíveis, e da natureza dessas variantes textuais. Tais colocações, porém, não apresentam a história toda.

2. O NÚMERO DE VARIANTES TEXTUAIS

O material de trabalho da crítica textual do Novo Testamento são os inúmeros manuscritos ou fragmentos de manuscritos, descobertos ao longo dos séculos. O professor Daniel Wallace²⁷, fundador do CSNTM²⁸, menciona que existem mais de 5.600 manuscritos gregos catalogados²⁹ atualmente.

A necessidade da crítica textual do Novo Testamento poderia ser questionada, caso existisse apenas um único manuscrito de cada livro do Novo Testamento sem nenhuma nota de correção marginal, pois assim não haveria qualquer diferença a ser pesquisada e estudada. Por causa da existência de muitos e muitos manuscritos com diferenças entre si, é que a crítica textual se apresenta com tal nobre e importante tarefa. É digno de nota mencionar que o Novo Testamento é o tipo de literatura mais bem documentada em toda a literatura antiga. Wallace menciona que “The NT is by far the best-attested work of Greek or Latin literature from the ancient world”.³⁰

Tecnicamente, toda e qualquer diferença entre os manuscritos é chamada de variante textual. Wallace apresenta uma pertinente definição de variante textual:

A textual variant is any place among the MSS in which there is variation in wording, including word order, omission or addition of words, even spelling differences. The most trivial changes count, and even when all the manuscripts except one say one thing, that lone MS's reading counts as a textual variant.³¹

O autor em foco neste trabalho, Ehrman, começa sua fundamentação argumentativa logo de início, em seu livro³², dizendo que “Nós não temos os originais”.³³ Ele continua, “O que temos são *cópias eivadas de erros*, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos

²⁶ ERHMAN, 2006.

²⁷ Daniel Wallace é doutor em Novo Testamento pelo Dallas Theological Seminary (EUA) e professor de Novo Testamento na mesma instituição. Fundador do Centro para Estudos dos Manuscritos do Novo Testamento CSNTM (The Center for Studies of New Testament Manuscripts). Seus trabalhos pós-doutorais são em Gramática Grega do Novo Testamento e Crítica Textual.

²⁸ Vide nota anterior.

²⁹ WALLACE, 2011, p. 27.

³⁰ WALLACE, 2011, p. 30. “De longe, o Novo Testamento é o trabalho da literatura Grega ou Latina melhor atestado do mundo antigo” (Tradução de minha autoria).

³¹ WALLACE, 2011, p. 26. “Variante textual é qualquer lugar entre os manuscritos que apresente variação de palavra, seja na ordem da mesma, omissão ou adição de palavras e até mesmo diferenças de letras na palavra. A mudança mais trivial conta, até mesmo quando todos os manuscritos, com a exceção de um deles diz outra coisa, aquela leitura irá contar como sendo uma variante textual” (Tradução de minha autoria).

³² ERHMAN, 2006.

³³ ERHMAN, 2006, p. 17.

originais e *diferentes deles, evidentemente, em milhares de modos*” (itálico meu). Mais adiante ele repete a ideia dizendo que “Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais”. Não obstante, ele continua:

Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. O que temos são as cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois. E todas elas *diferem umas das outras em milhares de passagens*.³⁴

Por fim, Ehrman faz a comparação de que existem mais variantes nos manuscritos do que palavras do Novo Testamento, quando diz “Talvez seja mais fácil falar comparativamente: há *mais diferenças entre os nossos manuscritos* que palavras do Novo Testamento”.³⁵

O problema com essa fundamentação argumentativa de Ehrman é que ela não apresenta toda a verdade. Por isso, este artigo sustenta que Ehrman está sendo parcial e tendencioso, não contando a história toda.

É um fato, sim, que existem muitas variantes no texto do Novo Testamento. Estima-se que existam entre 300.000 a 400.000 variantes³⁶ nos diversos manuscritos. Wallace menciona que há em torno de “140.000 palavras” no texto grego do Novo Testamento. Assim se teria uma média de “duas ou três variantes para cada palavra do Novo Testamento grego”.³⁷ Porém, como mencionado acima, o Novo Testamento é a obra mais bem documentada da Antiguidade. É a obra que possui o maior número de evidência textual disponível quando comparada com qualquer obra clássica antiga, grega ou latina.³⁸ Assim, quanto maior o número de manuscritos, maior será o número de variantes. Wallace argumentará que:

The reason we have a lot of variants is that we have a lot of manuscripts. It is simple, really. No classical Greek or Latin text has nearly as many variants, because they do not have as nearly as many manuscripts.³⁹

Wallace também comenta que “To speak about the number of variants without also speaking about the number of manuscripts is simply an appeal to sensationalism”.⁴⁰ Paroschi reforça que “Ehrman nunca deixa claro para o leitor que o elevado número de variantes está diretamente relacionado ao grande número de manuscritos disponíveis”. E adiciona: “A mera contagem das variantes, portanto, consiste numa distorção dos fatos, até porque quanto maior o número de manuscritos, maiores as possibilidades de comparação e correção do texto”.⁴¹ Paroschi também relembra o clássico livro de F.F. Bruce acerca do assunto:

³⁴ ERHMAN, 2006, p. 20 (Itálico meu).

³⁵ ERHMAN, 2006, p. 20 (Itálico meu).

³⁶ ERHMAN, 2006, p. 20.

³⁷ WALLACE, 2011, p. 26.

³⁸ WALLACE, 2011, p. 29

³⁹ WALLACE, 2011, p. 27. “A razão pela qual nós temos muitas variantes é que nós possuímos igualmente muitos manuscritos. Isso é simples, realmente. Nenhum dos textos clássicos, Grego ou Latino, possui muitas variantes assim porque não há muitos manuscritos disponíveis” (Tradução de minha autoria).

⁴⁰ WALLACE, 2011, p. 27. “Falar sobre o número de variantes sem igualmente falar sobre o número de manuscritos é simplesmente apelo ao sensacionalismo” (Tradução de minha autoria).

⁴¹ PAROSCHI, 2012, p. 273, 274.

Fortunately, if the great number of MSS increases the number of scribal errors, it increases proportionately the means of correcting such errors, so that the margin of doubt left in the process of recovering the exact original wording is not so large as might be feared; it is in truth remarkably small.⁴²

É interessante, nessa discussão sobre número de variantes textuais, recapitular a obra dos Aland⁴³ quando, falando a respeito dos estudos sobre o texto do Novo Testamento, alertam “tanto os que são feitos por amadores quantos os que são feitos por especialistas no assunto, dá-se muita pouca atenção ao todo e ênfase demasiada nas variantes”.⁴⁴ E mais abaixo ressaltam:

Os críticos de texto, e ainda mais os especialistas em Novo Testamento (para não falar dos leigos no assunto) *ficam fascinados com as diferenças que acabam esquecendo* que muitas das alterações surgiram por acaso ou se devem a tendências normais dos copistas. Esquecem que as reais diferenças não são tantas assim, *caso se levar em conta o quadro geral, que sempre de novo tende a ser esquecido, tendo em vista a ênfase aos detalhes*.⁴⁵

A citação de Wallace é bem pertinente quando afirma que “A little probing into these 400.000 variants puts these statistics in a context”.⁴⁶

Dessa forma, com base nas evidências acima, é que se pode perceber que outros grandes estudiosos e pesquisadores fazem a leitura dos mesmos dados de forma diferente. Enquanto Ehrman apresenta apenas parte da história, de forma que o leitor iniciante, leigo, não tenha acesso ao quadro todo das evidências textuais – e não obstante a parcialidade, pode-se notar, lendo outras publicações e entrevistas, que Ehrman parece assumir posições diferentes dependendo do seu público alvo – Wallace pontua que “It seems that Ehrman puts a far more skeptical spin on things when speaking in the public square than he does when speaking to professional colleagues”.⁴⁷

Ao afirmar que o texto grego do Novo Testamento tem mais alterações, aos milhares, do que palavras, o terreno estava agora preparado para o próximo passo. Assim, Ehrman plantaria a semente de que alterações teológicas intencionais foram propositalmente realizadas pelos copistas.

⁴² PAROSCHI, 2012, p. 274. Em F. F. BRUCE, **The New Testament Documents: Are they Reliable?** p. 19: “Felizmente, se o grande número de manuscritos aumenta o número de erros produzidos pelos escribas, também aumenta proporcionalmente os meios de correção de tais erros” (Tradução de minha autoria).

⁴³ ALAND; ALAND, 2013.

⁴⁴ ALAND; ALAND, 2013, p. 29 (Itálico meu).

⁴⁵ ALAND; ALAND, 2013, p. 29. (Itálico meu)

⁴⁶ WALLACE, 2011, p. 27. “Um pouco de investigação nas 400.000 variantes coloca as estatísticas em contexto” (Tradução de minha autoria).

⁴⁷ WALLACE, 2011, p. 25. “Parece que Ehrman dá um toque muito mais cético acerca das coisas quando fala para o público geral do que quando fala aos seus colegas de profissão” (Tradução de minha autoria).

3. A NATUREZA DAS VARIANTES TEXTUAIS

É interessante lembrar, como mencionado na introdução, que uma das questões que se discute no círculo dos especialistas em crítica textual do Novo Testamento – a saber, que escribas intencionalmente modificaram o texto para satisfazer suas pressuposições teológicas – tem seu representante mais conhecido na figura de Bart Ehrman e sua obra, *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament*, escrita em 1993.⁴⁸

No início da obra, o autor afirma que sua tese fundamental é “Scribes modified their manuscripts to make them more patently orthodox and less susceptible to abuse by the opponents of orthodoxy”.⁴⁹ Esse raciocínio percorre todo o livro, e na conclusão ele termina da mesma forma, dizendo que “Scribes altered their sacred texts to make them say what they were already known to mean”.⁵⁰

É com esse pressuposto que Ehrman embarca, como cita Paroschi, “para seu próximo passo, ainda mais ousado”⁵¹, em seu livro “O que Jesus disse? O que Jesus não disse?”⁵² escrito para o público leigo. O subtítulo do livro, “Quem mudou a Bíblia e por quê?”, insinua a repetição das ideias que são levantadas na obra de 1993. Por exemplo, “As passagens acima discutidas representam apenas dois dentre milhares de lugares nos quais os manuscritos do Novo Testamento foram mudados por copistas”.⁵³ Mais adiante, declara: “Embora a maioria das passagens não seja da mesma magnitude, *há muitas mudanças significativas*”.⁵⁴ No final da mesma página, encerra “*textos fundamentais* foram mudados” e completa “de um modo *altamente significativo*”.⁵⁵

Mais adiante, no referido livro, volta a repetir: “As mudanças propositais, tardias, podem ser altamente significativas”, continua: “porque podem nos mostrar algo sobre como o texto dos autores veio a ser interpretado pelos copistas que os reproduziram”.⁵⁶ Mais adiante repete o seu argumento principal: “Ou seja, os copistas ocasionalmente alteravam os textos para forçá-los a dizer o que já se supunha que deveriam dizer”.⁵⁷ (Pode-se notar a repetição quase palavra a palavra oriunda da tese de 1993⁵⁸). Na conclusão do livro, ele confirma:

Quanto mais eu estudava a tradição manuscrita do Novo Testamento, mais compreendia como o texto foi sendo *radicalmente alterado* ao longo dos

⁴⁸ Veja nota 20.

⁴⁹ EHRMAN, 1993, p. 3. “Escribas modificaram seus manuscritos para torná-los mais ortodoxos e menos suscetíveis aos abusos dos oponentes dessa ortodoxia” (Tradução de minha autoria).

⁵⁰ EHRMAN, 1993, p. 275. “Escribas alteraram os textos sagrados para fazê-los dizer a mesma coisa que já se entendia como sendo o significado” (Tradução de minha autoria).

⁵¹ PAROSCHI, 2012, p. 268.

⁵² Veja nota 26.

⁵³ EHRMAN, 2006, p. 79.

⁵⁴ EHRMAN, 2006, p. 79 (Itálico meu).

⁵⁵ EHRMAN, 2006, p. 79 (Itálico meu).

⁵⁶ EHRMAN, 2006, p. 161.

⁵⁷ EHRMAN, 2006, p. 185.

⁵⁸ Veja nota 47.

anos nas mãos dos copistas, que não estavam só conservando as escrituras, mas *mudando-as também*.⁵⁹

E para finalizar o raciocínio:

Seria um equívoco dizer – como as pessoas fazem às vezes – que as mudanças em nosso texto não têm nenhum peso real sobre aquilo que os textos significam ou sobre as conclusões teológicas que se depreendem deles.⁶⁰

Existem, de fato, muitas mudanças significativas assim? Textos fundamentais foram realmente mudados de modo altamente significativo? Radicalmente alterados, conforme afirma Ehrman?

Paroschi comenta que “no passado nem todos pareciam dispostos a admitir”⁶¹ alterações por razões dogmáticas. Ele faz uma referência, por exemplo, a Westcott e Hort, os quais declararam “não haver quaisquer sinais de falsificação deliberada do texto por razões dogmáticas”.⁶² Atualmente, no entanto, falando sobre a situação da moderna crítica textual, Paroschi complementa que:

Desde meados do século vinte, porém, praticamente ninguém mais questiona o fato de que um bom número de alterações intencionais no NT foi feito por escribas ortodoxos com o propósito de tornar o texto ainda mais ortodoxo.⁶³

O professor Wallace, um estudioso da atualidade, compartilha da mesma ideia: “A afirmação básica da tese de Ehrman que os escribas ortodoxos alteraram o texto do Novo Testamento para os seus próprios propósitos é certamente verdadeira”.⁶⁴ A grande questão, no entanto, é, como vai dizer Paroschi ao citar Kruger⁶⁵, “não é se Ehrman está tecnicamente correto acerca desse ponto, mas se as conclusões a que ele chega estão corretas”.⁶⁶

O problema de Ehrman não são as suas afirmações em si. Contudo, como apontado anteriormente, aqui se repete, a história toda não está sendo contada por ele, e suas pressuposições aparecem despercebidamente ao leitor com pouco ou nenhum conhecimento da matéria, como se fossem a única verdade existente. É importante mencionar que Ehrman deixa claro em seu livro, embora possa passar livremente ao leitor comum, as suas pressuposições. Ele menciona, por exemplo, em determinado momento, no capítulo 6 de seu livro para o público leigo, que trata das alterações teologicamente motivadas: “pretendo-me restringir a apenas um aspecto das contínuas disputas teológicas nos séculos II e III: a questão da natureza de Cristo”.⁶⁷ Em seguida, a pressuposição “houve discordâncias generalizadas, e

⁵⁹ EHRMAN, 2006, p. 217 (Itálico meu).

⁶⁰ EHRMAN, 2006, p. 217 (Itálico meu).

⁶¹ PAROSCHI, 2012, p. 275.

⁶² PAROSCHI, 2012, p. 275.

⁶³ PAROSCHI, 2012, p. 275.

⁶⁴ WALLACE, 2011, p. 43.

⁶⁵ Michael J. Kruger é Professor de Novo Testamento e Cristianismo primitivo no Seminário Teológico Reformado em Charlotte, EUA.

⁶⁶ PAROSCHI, 2012, p. 273.

⁶⁷ EHRMAN, 2006, p. 164.

essas *disputas afetaram os nossos textos escriturísticos*".⁶⁸ Na próxima página, mais uma pressuposição:

Minha posição é a de que os copistas cristãos que se opunham à visão adocionista⁶⁹ modificaram os textos em determinadas passagens, a fim de ressaltar a sua visão de que Jesus não era apenas humano, mas divino.⁷⁰

O que Ehrman faz na sequência é discutir algumas passagens tais como:⁷¹

- a) 1 Timóteo 3.16 – a maioria dos manuscritos diz “*Deus* tornado manifesto na carne”, enquanto que os mais antigos e renomados manuscritos trazem “aquele *que* foi manifestado na carne”. Ehrman argumenta que um revisor tardio alterou a variante “que” (Em grego, ΟΣ) para “Deus” (Em grego, ΘΣ). Note que é uma mudança muito sutil, praticamente apenas um traço no meio da letra. Esse seria, diz Ehrman, “exemplo de uma mudança antiadocionista, uma alteração textual feita em oposição à perspectiva segundo a qual Jesus era plenamente humano, mas não divino”.⁷²
- b) Lucas 2.33 – manuscritos dizem “Seu pai e sua mãe ficaram maravilhados” e outros dizem “José e sua mãe ficaram maravilhados”. O primeiro texto poderia ser usado como prova de que ele tinha um pai humano, assim teria sido alterado para evitar o uso indevido pelos adocionistas. Essa é a argumentação de Ehrman.
- c) Lucas 3.22 – Uma leitura seria “Tu és meu Filho amado, em quem me comprazo” enquanto outro manuscrito apresenta “Tu és meu Filho amado, hoje eu te gerei”. Segundo a argumentação de Ehrman, a leitura original seria a segunda, e teria sido mudada por copistas receosos das implicações adocionistas.
- d) João 1.18 – Uma leitura seria “Deus único no seio do Pai” ou outra leitura “Filho único no seio do Pai”. A primeira leitura tem apoio nos manuscritos mais antigos, associados com Alexandria, diz Ehrman.⁷³ Enquanto que a maioria dos manuscritos de outros lugares apresentam a segunda leitura, “Filho único”, que para Ehrman é a correta. Ehrman argumenta que os copistas alexandrinos, não satisfeitos com a visão exaltada de Cristo, a exaltaram ainda mais, mudando a palavra de Filho para Deus. Ele vai dizer: “parece ser uma mudança antiadocionista do texto feita por copistas proto-ortodoxos do século II”.⁷⁴

Enquanto que o propósito desse artigo não seja discutir pormenorizadamente cada um dos textos, o que se pretende mostrar é que Ehrman alega que esses textos foram alterados para defender posições contra o adocionismo. Na visão de Ehrman, esses textos poderiam ser utilizados para justificar que Jesus era apenas humano e foi adotado por Deus apenas mais

⁶⁸ EHRMAN, 2006, p. 164 (Itálico meu).

⁶⁹ Adocionista é a visão que compreende que Jesus não foi um ser divino, mas um ser humano comum que foi “adotado” por Deus em determinado momento da sua vida.

⁷⁰ EHRMAN, 2006, p. 165.

⁷¹ EHRMAN, 2006, p. 167-172.

⁷² EHRMAN, 2006, p. 167.

⁷³ EHRMAN, 2006, p. 171.

⁷⁴ EHRMAN, 2006, p. 172.

tarde, e, por conta disso, foram alterados pelo grupo mais ortodoxo, o qual era também o mais dominante.

Diante disto, cumpre-se agora traçar algumas considerações, levando-se em conta as perguntas capitais elaboradas parágrafos acima.

A primeira é que, para Ehrman, parece haver uma espécie de trama criada pelos escribas, um plano arquitetado, e para que tudo funcione, a sua pressuposição, acima mencionada, de que “disputas afetaram os nossos textos escriturísticos” precisa ser aceita previamente sem qualquer questionamento, como se fosse um fato fácil e amplamente observado na história. Wallace comenta que “Ehrman sees in the textual variants something more pernicious, more sinister, more conspirational, and therefore more controlled than I do”.⁷⁵ Paroschi faz menção de que:

A verdade é que os escribas não foram nem um pouco consistentes ou sistemáticos na introdução de alterações intencionais de natureza doutrinária. Alguns textos apenas foram alterados, ao passo que outros não.⁷⁶

Ele também cita que:

Também não se pode olvidar que, se por um lado, alguns manuscritos foram produzidos por escribas descuidados ou de pouca habilidade, por outro há aqueles que o foram por escribas que impressionam pela diligência e habilidade, como é o caso dos que produziram o Papiro 75 e o Códice Vaticano.⁷⁷

É digno de nota lembrar que a própria obra de Metzger e Ehrman, obra introdutória fundamental para qualquer biblioteca, fala acerca de alterações em manuscritos:

Lest the foregoing examples of alterations should give the impression that scribes were altogether willful and capricious in transmitting ancient copies of the New Testament, it ought to be noted that other evidence points to the careful and painstaking work on the part of many faithful copyists.⁷⁸

Uma segunda consideração é que Ehrman parece fazer mesmo sensacionalismo⁷⁹, pois como Paroschi argumenta:

As alterações doutrinárias – conscientes ou inconscientes, motivadas por boa-fé ou más intenções – que apresentam alguma plausibilidade não compreendem senão uma fatia insignificante dentre todas as alterações existentes.⁸⁰

E continua discorrendo sobre a quantidade de evidências:

⁷⁵ WALLACE, 2011, p. 22. “Ehrman enxerga algo mais pernicioso, sinistro, mais conspiratório e, portanto, mais controlado nas variantes textuais do que eu o faço” (Tradução de minha autoria).

⁷⁶ PAROSCHI, 2012, p. 276.

⁷⁷ PAROSCHI, 2012, p. 270.

⁷⁸ METZGER; EHRMAN, 2005, p. 271. “Caso os exemplos anteriores de alterações transmitam a impressão de que os escribas foram completamente tendenciosos e arbitrários na transmissão das antigas cópias do Novo Testamento, deve-se notar que outras evidências apontam para um cuidado e meticuloso trabalho por parte de copistas confiáveis” (Tradução de minha autoria).

⁷⁹ Ver nota 39.

⁸⁰ PAROSCHI, 2012, p. 276.

E mesmo que Ehrman esteja correto quanto à bidirecionalidade das alterações – às vezes enfatizando a divindade de Jesus, às vezes sua humanidade – resta o fato de que as alterações se limitaram a uns poucos textos e que a maioria delas é encontrada tão somente num único ou bem pouco manuscritos gregos ou versionais.⁸¹

Ehrman está mais interessado em fazer especulação do que realmente outra coisa, como propõe Paroschi:

A falta absoluta de consistência, diante do grande número de manuscritos conhecidos e o período que eles representam (cerca de quinze séculos), faz com que as alterações doutrinárias sejam muito mais objeto de curiosidade histórica que de preocupação dogmática.⁸²

Uma terceira e necessária consideração é que a quantidade de alterações intencionais e propositadas não são tantas como Ehrman gostaria. Paroschi faz a seguinte, importante consideração:

Em outras palavras, alterações que redundem em prejuízo doutrinário de forma intencional e metódica não são, nem de longe, tão comuns quanto Ehrman presume e, como regra, estão mais ligadas a figuras desconhecidas da heresiografia cristã, como Marcião, Taciano e outros.⁸³

A declaração de Wallace, ao citar a resenha de Gordon Fee⁸⁴, é apropriada na demonstração do que realmente Ehrman parece querer postular em seus livros: “Unfortunately, Ehrman too often turns mere possibility into probability, and probability into certainty, where other equally viable reasons for corruption exist”.⁸⁵

Quanto ao seu ponto mais provocante, doutrinas fundamentais da fé cristã terem sido afetadas, embora não se tenha citado todas as passagens argumentadas por ele, o que nem ele mesmo fez em seus livros, pergunta-se: de fato, as doutrinas fundamentais da fé cristã estão fundamentadas apenas naqueles versículos? “Nenhuma doutrina”, dirá Paroschi, “é baseada num texto apenas, mas em diversas linhas de evidência bíblica”.⁸⁶ Como indaga Kruger, citado por Paroschi:

Qual é o impacto sobre a teologia cristã ou a integridade do Novo Testamento do fato de Lucas 3.23 dizer “pai e a mãe” ou “José e sua mãe”? Não era José o guardião legal de Jesus? Não é o nascimento virginal claramente afirmado em outras partes do Novo Testamento, inclusive o Evangelho de Lucas (1.35)?⁸⁷

⁸¹ PAROSCHI, 2012, p. 276.

⁸² PAROSCHI, 2012, p. 276.

⁸³ PAROSCHI, 2012, p. 277.

⁸⁴ Gordon Fee é professor emérito do Novo Testamento no Regent College (EUA) e igualmente respeitado estudioso do Novo Testamento.

⁸⁵ WALLACE, 2011, p. 49. “Infelizmente, Ehrman frequentemente transforma mera possibilidade em probabilidade, e probabilidade em certeza, onde outras igualmente viáveis razões para as alterações existem” (Tradução de minha autoria).

⁸⁶ PAROSCHI, 2012, p. 278.

⁸⁷ PAROSCHI, 2012, p. 276.

A divindade de Jesus não depende exclusivamente do texto de 1 Timóteo 3.16. O Evangelho de João 1.1 e 20.28, por exemplo, para citar apenas dois textos, deixam claro o que os primeiros seguidores acreditavam, conforme observado pela pesquisa textual feita por Brian J. Wright⁸⁸ na obra de Wallace.⁸⁹

Por conta disso tudo é que, novamente, se pode repetir que Ehrman é parcial e tendencioso ao público leigo em geral. De forma repetida, ele termina por não contar a história toda, nem ao mínimo se dá ao trabalho de sugerir que se trata apenas de uma possibilidade dentre outras igualmente fortes. Do início ao fim, parece que a sua leitura e interpretação é que estão corrompidas e não os dados disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Metzger sugere que a crítica textual é uma ciência que trabalha com as questões de produção e transmissão dos manuscritos antigos, mas também é uma arte que diz respeito ao como aplicar esta ciência na escolha dentre as leituras variantes existentes através de considerações razoáveis.⁹⁰

Diante dessa definição, nota-se que falar das alterações textuais do Novo Testamento implica fazer escolhas dentre diferentes leituras possíveis. É justamente isso que se encontra nos livros escritos por Ehrman para o público em geral. Ele utilizou-se dos dados existentes produzidos pela ciência da crítica textual ao longo do tempo e emitiu os seus próprios juízos, ou seja, fez a sua escolha dentre as possíveis leituras.

Foi observado, por exemplo, que enquanto Ehrman repetidamente enfatiza as, quase como que sem fim, inúmeras variantes textuais, não faz questão nenhuma de mencionar o igual número de testemunhos textuais disponíveis do Novo Testamento, incomparavelmente maior do que qualquer obra literária da Antiguidade clássica. Portanto, dizer que existem mais variantes textuais, sem mencionar que existem igualmente muitos manuscritos, é ser parcial.

Também foi apresentado que, apesar dos esforços de Ehrman em afirmar que a natureza das variantes textuais compromete doutrinas fundamentais da fé cristã, tal afirmação se baseia em poucas evidências testemunhais. Além do fraco e disperso apoio documental, a fé cristã não se baseia em apenas um ou outro texto, e sim, em repetidos textos que apresentam a mesma ideia aqui e ali.

Portanto, para concluir, há de se considerar que outros renomados estudiosos da mesma área, utilizando-se dos mesmos dados disponíveis, chegaram a conclusões diferentes daquelas de Ehrman. Infelizmente, em seus livros para o público leigo, o referido autor enfatiza apenas a sua própria versão, como se fosse a única.

⁸⁸ Brian J. Wright é coautor com Daniel Wallace do capítulo 6, “Jesus como Deus, uma investigação textual”. In: WALLACE, Daniel B. **Revisiting the corruption of the New Testament: manuscript, patristic and apocryphal evidence**. Grand Rapids: Kregel Publications, 2011.

⁸⁹ WALLACE, 2011, p. 266.

⁹⁰ METZGER, 1964, p. 15.

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento**: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BRUCE, F. F. **The New Testament documents**. 6.ed. Leicester: Eerdemans e InterVarsity, 1981.

ERHMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?** São Paulo: Prestígio, 2006.

ERHMAN, Bart D. **O problema com Deus**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

ERHMAN, Bart D. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi? Mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

ERHMAN, Bart D. **Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

ERHMAN, Bart D. **The orthodox corruption of Scripture**: the effect of early christological controversies on the text of the New Testament. Oxford: Oxford University Press, 1993.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament**: its transmission, corruption and restoration. 4.ed. New York: Oxford, 2005.

PARKER, David. **The living text of the Gospels**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PARKER, David. **An introduction to the New Testament manuscripts and their texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

WALLACE, Daniel B. **Revisiting the corruption of the New Testament**: manuscript, patristic, and apocryphal evidence. Grand Rapids: Kregel Publications, 2011.